

I NTERAÇÕES SOCIAIS E DESEMPENHO PREDITIVO: UMA ANÁLISE DE REDES ENTRE INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS NO TOP FIVE DO BANCO CENTRAL

¹Luiz Lentz Júnior

²Davide Carbonai

³Sandro R. Garcia

RESUMO

Objetivo: A pesquisa Top Five do Banco Central do Brasil (BC) sinaliza o desempenho dos bancos, consultorias, associações de classe e outras instituições financeiras que mais acertam (se aproximam) as previsões acerca dos indicadores macroeconômicos. Nossa pesquisa explora a relação entre as interações e o desempenho desses atores.

Originalidade: Utilizamos a hipótese típica da rede social (ARS), nesse caso, da relação entre interação social e a capacidade preditiva, abrindo novas frentes de pesquisa. A originalidade do trabalho é advinda do tipo de análise.

Método: Analisamos os laços entre instituições que o BC credencia para realizar projeções acerca de indicadores macroeconômicos no Brasil. Almejamos compreender como se constituem as expectativas ficcionais, mas mais especificamente, as possíveis fontes da capacidade ficcional (em termos sociológicos) dos atores econômicos. Primeiramente, por meio da relação entre Economistas-Chefes (EC) e instituições, analisamos a rede social (ARS) e descrevemos as estatísticas de centralidade das interações de 152 das 171 instituições credenciadas; após, executamos um teste de correlação não paramétrico para verificar a correspondência entre a rede e as demais variáveis relacionadas às interações; por fim, exploramos as correlações entre a presença dos atores instituições no *ranking* do BC e a e suas interações e outras variáveis.

Resultados: A centralidade das interações entre as instituições pode aprimorar o desempenho dos atores, enquanto outras variáveis têm impacto de pouca ou nenhuma relevância.

Conclusão: Podemos concluir que as interações entre os atores podem contribuir para o seu desempenho preditivo.

Palavras-chave: Futuro. Banco Central. Interações Sociais. Desempenho Preditivo. Sociologia Econômica.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Rio Grande do Sul, (Brasil). E-mail: luizlentz@gmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Rio Grande do Sul, (Brasil). E-mail: davide.carbonai@gmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-2211-3749>

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Rio Grande do Sul, (Brasil). E-mail: sruiduitgarcia@gmail.com Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-7060-2678>

SOCIAL INTERACTIONS AND PREDICTIVE PERFORMANCE: A NETWORK ANALYSIS AMONG FINANCIAL INSTITUTIONS IN THE CENTRAL BANK'S TOP FIVE

ABSTRACT

Purpose: The Top Five survey by the Central Bank of Brazil (BC) indicates the performance of banks, consulting firms, trade associations and other financial institutions that most accurately predict (close to) macroeconomic indicators. Our research explores the relationship between interactions and the performance of these actors.

Originality/Relevance: We use the typical social network hypothesis (SNA), in this case, the relationship between social interaction and predictive capacity, opening new research fronts. The originality of the work comes from the type of analysis.

Methodology: We analyze the links between institutions accredited by the Central Bank (BC) to make projections regarding macroeconomic indicators in Brazil. We aim to understand how fictional expectations are constituted, but more specifically, the possible sources of the fictional capacity (in sociological terms) of economic actors. First, through the relationship between Chief Economists (CE) and institutions, we analyze the social network (ARS) and describe the centrality statistics of the interactions of 152 out of the 171 accredited institutions; afterwards, we conduct a non-parametric correlation test to examine the correspondence between the network and the other variables related to the interactions; finally, we explore the correlations between the presence of institutional actors in the BC ranking and their interactions and other variables.

Results: he centrality of interactions between institutions can improve the performance of actors, while other variables have little or no impact.

Conclusion: We can conclude that interactions between actors can contribute to their predictive performance.

Keywords: Future. Central Bank. Social Interactions. Predictive Performance. Economic Sociology.

FUTURE STUDIES RESEARCH JOURNAL
Scientific Editor: Renata Giovinazzo Spers
Evaluation: Double Blind Review, pelo SEER/OJS
Received: 11/09/2024
Accepted: 10/05/2025

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, importantes autores, vêm se dedicando a compreender a capacidade imaginativa – isto é, de antecipação de acontecimentos futuros – da ação de

sentido econômico dos atores⁴ (Beckert & Bronk, 2018; Beckert & Ergen, 2020; Esposito, 2011; Flin, 2005). O que se busca compreender é como esses atores agem, como valoram o que conhecem a respeito do futuro⁵. Em alguns casos, tal análise é feita a partir dos recursos que esses atores mobilizam nas estruturas de interações sociais (exs.: informações, conhecimento etc.) de suas redes de colaboração profissional (Vedres & Stark, 2010).

A esse respeito, entendemos que a capacidade imaginativa dos atores cumpre um papel importante no contexto econômico, a saber, oferecer algum tipo de previsibilidade que atenua a instabilidade própria do modelo concorrencial capitalista, criando, ficcionalmente, as condições para prever o desfecho das ações sociais econômicas (especialmente aquelas de longo prazo). Os economistas, por exemplo, em especial aqueles de tradição keynesiana – vertente de pensamento que compreende que os atores não possuem a capacidade plena de compreender o que ocorrerá no futuro –, se debruçam sobre o que acontecerá com e a partir do comportamento dos demais atores – suas expectativas (Esposito, 2011; Svetlova, 2021, 2022).

Nesse mesmo contexto, porém do ponto de vista da Sociologia Econômica, a resposta advém de um fato específico: o desfecho da ação econômica depende de expectativas ficcionais (Beckert, 2016). Isso significa que, não podendo prever o futuro, os atores devem constituir futuros imaginários sobre o curso das suas ações, certa previsão dos cenários que lhes atribua confiança para agir e tomar decisões. Cabe lembrar que os atores agem com base no que percebem, aquilo que apreendem e conhecem do mundo real (Beckert & Bronk, 2018). Nesse sentido, a capacidade ficcional dos atores pode ter relação direta com a sua capacidade interpretativa, que, por sua vez, pode ter como fonte: a estrutura das interações de mercado, o tempo de mercado (conhecimento tácito) ou os conhecimentos formais (escolarização) (Dubar, 2012; Giddens, 2003; Vedres & Stark, 2010).

Assim, nesse artigo, nosso olhar busca dar conta das hipóteses (sociológicas) associadas: a) à estrutura das interações dos atores; b) ao conhecimento (tácito e formal) dos mesmos. Ainda que de forma exploratória, verificaremos se a estrutura das interações dos atores, bem como certos tipos de conhecimento, podem influenciar suas ações de valoração ficcional⁶.

Para tal, por termos poucos estudos que se utilizem desse contexto, verificaremos

⁴ A esse respeito, a ação econômica é especialmente sustentada por interesses materiais combinados a motivos de outra ordem, como ideias, emoções e tradições, por exemplo (Smelser & Swedberg, 2005).

⁵ Adotamos aqui a ideia de futuro de Luhman (2012, p. 141), que o interpreta “como um horizonte generalizado de possibilidades excedentes que devem ser reduzidas à medida que nos aproximamos delas”.

⁶ Por valoração ficcional ou imaginativa, conceito que será abordado ao longo do texto, compreendemos a ação por parte dos atores de investigar (*indagine*), hierarquizar e qualificar as diferentes tendências ficcionais, visando transformá-las em futuros imaginados, ou seja, em quadros cognitivos futuros.

uma situação pontual e bem demarcada, a saber, a capacidade preditiva das instituições especializadas em apontar cenários econômicos futuros junto às pesquisas do Banco Central do Brasil (BC). É possível afirmar que, nos processos de predição (exercício de ficcionar o futuro), as instituições econômicas se servem de dispositivos⁷ representados por complexos modelos econométricos, além de, cada vez mais, fazerem uso de inteligência artificial nesses processos (Esposito, 2011; Svetlova, 2022). No entanto, nesse trabalho, daremos ênfase apenas aos aspectos sociológicos relacionados à interpretação dos atores.

Como veremos com mais detalhes na seção que trata da metodologia utilizada neste trabalho, investigamos a estrutura de interação entre as instituições credenciadas pelo BC – estrutura constituída por meio das interações entre os Economistas-Chefes e as instituições. Essas instituições são aptas a participar da pesquisa sobre indicadores macroeconômicos, o que é indicado pela presença delas no *ranking* de assertividade denominado pelo BC de Top Five⁸. Nesse relatório, por meio de um *ranking* semanal, mensal e anual (esse último, portanto, de longo prazo), o BC classifica a aposta (expectativas) dessas instituições acerca do que ocorrerá com os preços, com o câmbio, com a taxa de juros e com a produção de riqueza da economia brasileira no futuro.

Nesse contexto, embora não seja o nosso objetivo principal, a análise das interações entre esses atores e a sua capacidade ficcional pode, em certa medida, contribuir para o avanço nos estudos acerca do futuro no âmbito da discussão sociológica voltada à relação entre ação social e as instituições, campo de estudos que vem sendo retomado nos últimos tempos (Garcia, 2021). No caso desse trabalho, especificamente no âmbito da relação com o BC, destacamos que, aparentemente, existe certa tensão na relação entre ação social e processo de institucionalização: se por um lado o BC vai constituindo, por meio dos relatórios, quadros cognitivos (convenções) a respeito dos indicadores macroeconômicos, por outro, em alguma medida, as instituições (seus atores) agem, isto é, valoram, por meio de suas visões acerca do futuro, para obter assertividade. Nesse trabalho, em alguma medida, procuramos agregar elementos que contribuam, também, com essas análises em um contexto pouco estudado, como é o caso das instituições de investimento e o BC.

Por tudo o que foi dito até este momento, o problema que se põe é: de que maneira as redes de interação entre economistas-chefes e instituições financeiras influenciam sua capacidade preditiva, conforme o ranking Top Five do Banco Central do Brasil? O nosso objetivo central,

⁷ Descrito por (Callon & Muniesa, 2005), como *Market Device*. Para os autores, seriam dispositivos utilizados para precificação, contabilização ou modelização de indicadores.

⁸ Ver: Banco Central do Brasil. (s.d.). *Ranking Top 5 da Pesquisa Focus*. Recuperado em 2 de agosto de 2024, de <https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/focustop5ranking>

ainda de caráter exploratório, é: compreender as possíveis fontes da capacidade ficcional dos atores econômicos.

Portanto, nossa hipótese central e de caráter geral é que, em alguma medida, a estrutura das interações e (ou) certos tipos de conhecimento dos atores podem contribuir para a presença das instituições no *ranking* de assertividade do BC.

Assim, o presente trabalho está dividido em duas partes: a) uma breve revisão teórica sobre futuros imaginados, redes e conhecimento b) a exposição do método e do resultado da análise qualitativa sobre a relação entre redes de interações e capacidade preditiva.

2. FUTUROS IMAGINADOS E EXPECTATIVAS

Para tratarmos da questão sobre futuros imaginados é preciso, antes, compreender a origem dessa discussão, em particular no âmbito da economia. É importante relevarmos a premissa de que o comportamento econômico, que é um comportamento social, depende, em certa medida, do conhecimento dos atores sobre o futuro. No entanto, o que existe de fato é um conhecimento apenas parcial sobre o futuro (Svetlova, 2021).

Para os economistas da corrente neoclássica, o futuro é algo conhecido por parte dos atores, pois todos sabem como os agentes irão se comportar. Nesse sentido, o futuro tem relação com as expectativas dos atores, e essas são previsões “informadas” acerca do futuro, ou seja, todos os atores possuem informações sobre o futuro econômico (Bateman, 1999). Já para o pensamento do economista inglês John M. Keynes, a questão se dá em direção distinta, pois o desconhecimento sobre o futuro é o ponto de partida da análise: os atores não sabem (*a priori*) as ações que serão engendradas e compartilhadas pelos agentes (Sayad, 2015). É justamente a incerteza sobre o futuro que faz com que essas expectativas não possam ser determinadas pelos atores (Beckert, 2017).

Para Keynes, os atores agem em torno daquilo que ele chamou de “espírito animal”, ou seja, “pelos humores da alma (animal), como a bÍlis, o sangue e outros humores que, na medicina antiga, explicam as doenças e o temperamento das pessoas” (Sayad, 2015, p. 21). Os atores, por não conhecerem o futuro, e por se comportarem de forma impulsiva, decidiriam suas ações baseando-se em argumentações (ignorância x conhecimento) acerca do futuro. Isto é, as ações são direcionadas através daquilo que os atores vão descobrindo acerca do que irá ocorrer (Svetlova, 2021). Para Keynes, portanto, o equilíbrio econômico se alcança não por conta da racionalidade das ações, mas por uma questão “aleatória” do comportamento de curto prazo dos atores econômicos, uma vez

que esses pouco ou nada sabem a respeito do futuro. No mesmo sentido, Keynes defende que os atores seguem o comportamento de outros atores e o impacto econômico gerados por tais comportamentos, o que sempre depende das expectativas (subjetivas) dos agentes quanto ao fluxo de rendimento futuro dos ativos (Andrade, 2011).

Por nada ser possível saber sobre o tempo que virá, existe uma espécie de vazio temporal correspondente ao futuro, que deverá ser preenchido. Nesse sentido, pode-se dizer que o futuro “é o vazio do tempo que virá” (Beckert & Bronk, 2018, p. 2). O espaço temporal futuro, de acordo com a Sociologia Econômica, desperta nos atores aquilo que Beckert (2016) chamou de “expectativas ficcionais”, que se baseiam em um imaginário sobre o futuro. Em condições de incerteza, tais expectativas operam como invenções, expressões da criatividade que suprem aquilo que não pode ser observado com exatidão: “São representação do futuro, cuja veracidade não pode ser conhecida” (Beckert, 2016, p. 175).

Nos momentos em que os resultados econômicos futuros encontram-se mergulhados em incertezas, as expectativas operam para ajudar na coordenação dos processos de decisão dos atores, ou seja, os futuros imaginados operam como dispositivos cognitivos cujo objetivo é viabilizar a ação econômica (Beckert & Ergen, 2020, p. 3).

Nesse sentido, a capacidade de criar as representações sobre o futuro, depende, em parte da ação dos atores em valorar os aspectos que podem vir representar o futuro.

A esse respeito, os atores passam por: avaliação, hierarquização dos diferentes valores e qualificação (processo de singularização), ou seja, os diversos valores que podem dar “forma” a uma certa representação sobre o futuro (ficção).

Consequentemente, o êxito dessa ação, que é valorativa, dependerá da capacidade dos atores em ampliar os seus esquemas interpretativos relacionados ao que pode servir para a criação das representações acerca do futuro. Nesse sentido, a ampliação dos esquemas interpretativos passa pela interação entre certos atores em suas redes sociais, uma vez que estas podem oferecer informações e conhecimentos relevantes (e mesmo privilegiados) sobre o funcionamento e a tendência de mercados (Stark, 2019).

2.1 Estrutura e função das redes sociais

Em qualquer interação econômica, bem como nas que tratam de investimentos financeiros, o desenvolvimento depende de uma diversidade de interesses que não estão previamente dados ou estabelecidos. Os atores participantes, de certa forma, estão ligados a

uma determinada rede social⁹, que se baseia em trocas recíprocas orientadas pelos distintos interesses. O que nos interessa aqui é problematizar a relação entre essas interações e as expectativas econômicas dos atores.

A respeito das teorias que explicam as redes e o seu comportamento, encontramos algumas discussões que mais se aproximam do nosso objeto. Ainda nos anos 1970, a teoria das redes sociais ganhou força com os experimentos de Milgram, uma vez que os mesmos testaram algumas hipóteses sobre como determinados indivíduos poderiam acessar pessoas que se encontravam fora do seu círculo social. Para tal, solicitaram que determinadas pessoas, por meio do envio de cartas, contactassem outras pessoas que se encontravam distantes geograficamente. Dos resultados, os autores chegaram a algumas conclusões importantes: a) é a distância social, e não a distância geográfica, que limita a transmissão da informação entre os indivíduos; b) existem determinadas redes que concentram determinadas informações mais do que outras (os chamados *Hubs*); c) os *Hubs* são redes especializadas (ex.: redes profissionais); e, por fim, d) determinadas redes segregam as informações. Os experimentos de Milgram (1967) serviram como ponto de partida para estudos sucessivos. Pool e Kochen (1978), por exemplo, tentaram compreender a “morfologia” da estrutura social, buscando identificar a relação entre o volume e a distribuição da população e a disseminação do conhecimento. O que de mais interessante se pode compreender dos estudos de Pool e Kochen (1978) é que as redes de conhecimento são construídas socialmente, que o acesso ao conhecimento está relacionado com a estrutura das interações de uma determinada rede.

Dos estudos que se seguiram, um dos mais importantes foi apresentado por Watts e Strogatz (1998). Os pesquisadores incorporaram a teoria dos grafos (elos de ligações) aos estudos de redes sociais. Segundo esses autores, uma determinada configuração da rede pode oferecer aos atores determinados vínculos e oportunidades. Outro trabalho importante foi o de Barabási (2004), que identificou a importância da potência (acúmulo de ligações) em relação à lógica de organização das redes. As redes não são distribuídas pelas suas ligações, mas sim pelas suas potências, e determinados “nós” podem ter um número restrito de ligações.

Portanto, é plausível pensar que a morfologia das redes, isto é, a forma como estão distribuídas, pode, em certa medida, influenciar a constituição imaginativa dos atores e suas

⁹ As redes podem ser vistas como ligações interpessoais, e possuem um grau de complexidade que vai desde trocas de informações (simples), estendendo-se por colaboração e ação conjunta, chegando à cooperação. Podem ter ligações primárias, ligações diretas entre os membros, e secundárias, que se comunicam por meio de membros intermediários das redes (Julien, 2010).

expectativas. Pode contribuir diretamente com a capacidade ficcional dos atores.

Isso porque é justamente a estrutura dessas relações que pode habilitar (ou não) o acesso dos atores a algum tipo de conhecimento e/ou informação a respeito não apenas do que os demais atores estão fazendo, mas também acerca dos acontecimentos relacionados com o futuro.

Outro debate relacionado às redes e que nos ajuda na elaboração das ideias presentes nesse trabalho encontra-se nos estudos chamados de *Interlocking Directors (ID)*. Por *ID* se entende os laços criados entre duas empresas quando um mesmo ator faz parte do conselho de gestão de ambas (Bargaglio & Vasta, 2003; Carbonai, 2017). Esses estudos, substancialmente, observam os reflexos da sobreposição de atores-chave presentes em vários grupos (empresas e instituições, por exemplo). O mais comum, nesses trabalhos, é interpretar a interação entre empresas por meio de diretorias sobrepostas, atores que, de alguma forma, se relacionam com mais de uma empresa. Nesse sentido, os estudos de *ID* nos ajudam a compreender como certas empresas se relacionam entre si estruturando redes de interações, ou seja, relações, que podem, inclusive, mobilizar recursos de diversos tipos (ex.: conhecimento). Nesse artigo os economistas chefes compreendem esse papel.

As interações entre empresas, em alguma medida, concentram tipos distintos de laços: “Os níveis internos de uma organização (intraorganizacional) e suas fronteiras (o nível interorganizacional) são atravessados por laços e relações de vários tipos: relações de confiança, comerciais, amizade, interlocking directores, parentesco, etc.” (Carbonai, 2017, p. 6).

Portanto, se por um lado a estrutura das interações ajuda a compreender a origem dos recursos dos atores, o movimento de *ID*, por outro, mostra como as redes são estruturadas.

2.2 Conhecimentos tácitos e formais

Podemos afirmar que, em geral, os conhecimentos adquiridos pelos atores podem ser de duas naturezas: formais e tácitos. Para a Sociologia, os conhecimentos formais são aqueles adquiridos através dos bancos escolares, por meio da difusão de saberes artísticos, linguísticos, científicos e tecnológicos que são codificados. Tais saberes, ao longo da trajetória do ator, são reproduzidos pelas instituições formadoras (escolas, cursos técnicos, universidades etc.). Trata-se de um tipo de conhecimento que pode ser “mensurado” e “qualificado” através do reconhecimento institucional (diplomas, atestados etc.) Já os conhecimentos apresentados por Schütz (1970) como tácitos são aqueles adquiridos no âmbito das práticas cotidianas, ou melhor, durante as práticas sociais. Esse tipo de

conhecimento, conforme argumentou Giddens (2003), não pode ser expresso verbalmente, mas é conscientemente experienciado pelo ator, e serve para que o mesmo consiga reproduzir suas ações em um determinado contexto social.

Todavia, em se tratando de produções preditivas (ficcionalis), tão importante quanto o tipo de conhecimento é o contexto do conhecimento, ou seja, as várias condições

(sociais) que favorecem a capacidade interpretativa dos atores. O problema desse tipo de produção não é obter informação, mas saber como combinar uma série de conhecimentos em um processo interpretativo (Aspers, 2009).

Para Aspers (2006b), o assim chamado *contextual knowledge* se baseia nos conhecimentos gerados pelas especificidades de um determinado mercado e pela trajetória dos atores que o constituem. Segundo o autor, isso se dá em três dimensões distintas: a) conhecimento de quem sabe como realizar – por meio das redes profissionais;

b) percurso de vida dos atores (exs.: experiências e tempo no mercado); c) conhecer o contexto de consumo (exs.: linguagens, dispositivos etc.).

2.3 Convenções e dispositivos de previsão institucional

No processo de criação das ficções, estimulados pelo Ranking Top Five do BC, os atores realizam um exercício ficcional nada trivial: produzir uma imagem futura acerca dos principais indicadores macroeconômicos.

Aparentemente, o que o BC busca durante o processo de ranqueamento preditivo é constituir aquilo que os teóricos da denominada Economia das Convenções (EC) chamaram de “quadro convencional”. O quadro convencional não remete a uma leitura cognitiva, mas sim valorativa, pois o agente deve determinar a importância daquilo que

os atores julgam como relevante (Eymard-Duvernay et al., 2006). O principal aspecto da discussão proposta por essa corrente teórica é que a racionalidade é interpretativa, ou seja, ela é percebida de maneira distinta pelos os diferentes atores. Sob essa perspectiva, os acordos não se dão pelos contratos, mas por meio da linguagem aparente da “estrutura das convenções” (Eymard-Duvernay et al., 2006, p. 38). As convenções são entendidas nos seguintes termos:

... uma convenção configura um quadro normativo, cuja mobilização pressupõe engajamento moral. Trata-se de uma visão compartilhada do mundo que orienta os atores no desenvolvimento de suas práticas. Não é simplesmente uma rotina ou um hábito, haja vista que ela somente tem sentido dentro de um coletivo social (Niederle, 2013, p. 449).

O que o Ranking Top Five procura estabelecer, segundo nossa interpretação, é justamente um quadro normativo a respeito dos indicadores macroeconômicos. Porém,

ainda não é claro, por exemplo, o que ocorre nos momentos em que os diversos atores implicados em um processo de predição devem realizar para, pela própria natureza do processo de concorrência, diferenciarem-se dos seus competidores no momento de estabelecer ou indicar índices distintos dos demais: nesse contexto, os fatores que determinam o que deve ser valorado não estariam pautados somente pelas convenções, mas por um ato de valoração (do futuro) realizado por parte dos atores financeiros.

Dessa forma, ao tratarmos do sentido da ação no âmbito da valoração do futuro em contextos econômicos, estamos, na prática, observando como os atores, durante certa ação de criação de futuro, avaliam (pesquisam), hierarquizam e qualificam os diversos valores necessários para levar a cabo (desfecho) o processo de valoração. Aparentemente, é a própria incapacidade de previsão do futuro que determina a oscilação das expectativas e das convenções acerca dos indicadores macroeconômicos.

3. METODOLOGIA

Todos os anos, desde 1999, com estatísticas mensais, o Banco Central do Brasil classifica as instituições pela sua capacidade preditiva, ou melhor, quanto as suas expectativas acerca da inflação, taxa de juros, câmbio e PIB (Produto Interno Bruto). O BC, com esse dispositivo, busca indagar, a partir das expectativas dos agentes econômicos (ex.: as famílias), a variabilidade futura de elementos como preços dos bens, do dinheiro e da riqueza.

Lembrando que para a maioria dos bancos centrais ao redor do mundo, o objetivo principal é a busca pela estabilidade dos preços, e que essa estabilidade seja sustentada no tempo. Em 1999, o Brasil, seguindo a experiência internacional, adotou o regime de metas¹⁰ para o controle inflacionário. Em termos gerais, a meta serve como uma condicionante, influenciando sobre a expectativa de inflação dos atores, ou seja, o BC tenta influenciar a formulação de expectativas inflacionárias dos agentes de mercado.

Dentro desse mecanismo “de consensos”, o BC estimula os agentes de mercado a

¹⁰ “O sistema de metas de inflação consiste no anúncio público da meta oficial de médio prazo a ser perseguida pelo banco central, que manipula os seus instrumentos de política monetária, principalmente a taxa nominal de juros de curto prazo, conforme sugerido por Taylor (1993), para atingi-la. A sua formulação deve levar em conta as particularidades de cada país, e um índice de preços *a priori* deve ser escolhido para ser utilizado como referência. Um fator de grande importância para o sucesso do regime de metas de inflação é a confiança dos agentes na política monetária, principalmente diante da ocorrência de choques, pois, para os seus defensores, quanto maior a credibilidade do banco central, menores são os custos das políticas antinflacionárias” (Neves & Oreio, 2008, p. 116). É através dessa estrutura que o BC, por meio de pesquisa de expectativas realizada junto aos agentes de mercado, procura constituir consenso em torno dos indicadores de longo prazo – entre esses: IGP-M, IPCA, câmbio e SELIC.

realizarem suas projeções futuras em torno desses indicadores – nesse caso por meio do Ranking Top Five. Esse *ranking* é um sistema de classificação de instituições baseado no seu índice de acertos relacionados a projeções futuras dos indicadores macroeconômicos. O Ranking faz parte do relatório Focus, que apresenta semanalmente as estatísticas coletadas junto aos agentes de mercado ao longo de trinta dias. Portanto, o BC, ao se utilizar das pesquisas preditivas, tenta dar conta de um contexto econômico que, em certa medida, possui caráter ficcional.

No entendimento do BC, é por meio das expectativas dos atores, que tomam decisões de gasto, de poupança ou de investimento, que os atores econômicos se manifestam. Segundo esse entendimento, o BC procura controlar o custo do dinheiro por meio das taxas de juros, pois, ao controlar as taxas e os demais elementos a elas agregados, as metas inflacionárias adquirem um caráter indicativo.

Para tentar apreender as expectativas, o BC faz um acompanhamento semanal com aproximadamente 170 instituições financeiras (bancos, corretoras, consultorias, gestoras de fundo, instituições educacionais etc.), todas sendo credenciadas para esse exercício preditivo. Através do relatório Focus¹¹, por meio de uma metodologia específica¹², essas instituições expressam a sua aposta para os indicadores (IPCA, SELIC, câmbio e PIB) no curto, médio e longo prazo (doze meses). Em cada apresentação do *ranking*, são mostradas as cinco instituições que tiveram o menor desvio para uma determinada variável (ex.: IPCA). Quanto menor o desvio absoluto médio (a média das diferenças absolutas entre os dados e a média), maior será a pontuação (até dez pontos). Por outro lado, quanto maior o desvio absoluto médio, menor será a pontuação, podendo chegar a zero.

¹¹ Ver: Banco Central do Brasil. (s.d.). *Publicações Focus*. Recuperado em 2 de agosto de 2024, de <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus>

¹² Banco Central do Brasil. (2008, fevereiro 11). *Classificação anual para as categorias curto e médio prazo e consolidação da metodologia* [PDF]. https://www.bcb.gov.br/content/controleinflacao/Documents/Expectativas_mercado/Focus/E20080211-Top5-Classificacao-Anual-para-as-Categorias-Curto-e-Medio-Prazo-e-Consolidacao-da-Metodologia.pdf

A figura abaixo mostra como esses dados são apresentados pelo BC.

BANCO CENTRAL DO BRASIL		Focus		Top 5 Anual		Expectativas de Mercado		2020	
IPCA									
Curto Prazo Anual		Nota	Médio Prazo Anual		Nota	Longo Prazo		Erro	
1	Parcitas Gestão	9,6176	1	Novus Capital	8,4351	1	LAIC-HFM Gestão	1,1724	
2	Ventor Invest	9,2884	2	MCM Consultores	8,3001	2	Mapfre Invest	1,3595	
3	Bahia AM	9,2796	3	SPX Capital	8,1665	3	Bco Ribeirão Preto	1,4078	
4	Bco Sicredi	9,2461	4	Barclays	8,1324	4	Pezco Economics	1,5512	
5	Tendências Consult	9,1593	5	BTG Pactual	8,0072	5	Funcef	1,5547	
IGP-M									
Curto Prazo Anual		Nota	Médio Prazo Anual		Nota	Longo Prazo		Erro	
1	SPX Capital	9,7498	1	JGP Gestão	8,8201	1	JGP Gestão	14,5060	
2	Bco ABC Brasil	9,4679	2	Barclays	8,7351	2	Vinland Capital	15,3273	
3	MCM Consultores	9,1882	3	GO Assoc Consult	8,5567	3	GO Assoc Consult	15,3725	
4	Bco Sicredi	8,9700	4	Bco BNP Paribas	8,3504	4	Sul América Invest	15,6184	
5	Tendências Consult	8,9562	5	Bco ABC Brasil	8,2557	5	Barclays	15,6913	
Taxa de câmbio									
Curto Prazo Anual		Nota	Médio Prazo Anual		Nota	Longo Prazo		Erro	
1	Barclays	9,7950	1	Santander AM	9,3037	1	Bradesco AM	0,3952	
2	Novus Capital	9,7465	2	Absolute Gestão	9,0796	2	Absolute Gestão	0,3956	
3	Bco Sicredi	9,7080	3	Telefônica	8,8243	3	Porto Seguro Invest	0,4255	
4	Bco do Brasil	9,6206	4	Guide Invest CV	8,7435	4	Bco JPMorgan	0,4302	
5	Tendências Consult	9,5908	5	Kapitalo Invest	8,7371	5	Kapitalo Invest	0,4404	
Taxa Selic									
Curto Prazo Anual		Nota	Médio Prazo Anual		Nota	Longo Prazo		Erro	
1	Bco Safra	9,7598	1	Kapitalo Invest	9,6885	1	Kapitalo Invest	0,8264	
1	BGC Liqueidez	9,7598	2	Absolute Gestão	9,2801	2	BNDES	0,9375	
3	Vinland Capital	9,5667	3	Garde AM	9,0931	3	Absolute Gestão	0,9444	
4	Ventor Invest	9,5421	4	BNDES	9,0814	4	Santander AM	0,9722	
5	Bco Sicredi	9,5338	5	Bco Sicredi	8,9900	5	Vinland Capital	0,9896	

Figura 1: Exemplo de apresentação dos indicadores de precisão acerca de cenários econômicos futuros Focus/Top Five /2020

Fonte: Banco Central do Brasil.

No caso específico das expectativas de longo prazo (predição de doze meses), talvez aquela que represente maior dificuldade em termos de predição para os atores, o BC considera as instituições que estiveram presentes em seis *rankings* mensais em cada prazo de um ano específico, ou seja, aquelas com maior grau de acerto dos prognósticos. Para efeito de análise, nesse trabalho, por compreendermos que se trata de um indicador com maior complexidade para os atores em sua predição, construímos um indicador a partir dos dados de longo prazo – conforme informados no relatório Focus do BC –, tarefa que se deu da seguinte forma: a) coletamos os dados de longo prazo do *ranking* Top Five entre os anos 2012 e 2022 – a escolha desse período, para além da disponibilidade dos dados, se deu por ser compatível com o tempo (mínimo) de mercado das instituições pesquisadas. Com isso, b) contabilizamos o número de vezes que as instituições aparecem entre as

cinco melhores indicadas pelo BC. Por fim, c) criamos um *ranking* das instituições que mais estiveram presentes, ao longo desses dez anos, em quaisquer dos indicadores (IPCA, IGP-M, SELIC e câmbio). O resultado é a classificação das instituições que mais obtiveram assertividade (pelo número de presenças entre as cinco melhores) nesse período. Em outras palavras, o indicador é a soma de quantas vezes as instituições apareceram entre as cinco na predição do IPCA, IGP-M, câmbio e SELIC. Ao todo, das 172 instituições cadastradas para a coleta das expectativas, foi possível analisar 152 casos. Em média, as instituições analisadas possuem 21 anos de mercado, e a maioria possui um faturamento anual acima de 4,8 milhões de reais. Já quanto à natureza jurídica das instituições, encontramos ampla variedade: sociedade empresarial limitada, clube/fundo de investimento, fundação ou associação domiciliada no exterior, sociedade anônima aberta e sociedade anônima fechada.¹³

De posse desse indicador, estruturamos as demais variáveis. A primeira delas foi a interação entre as 152 instituições analisadas. Para estruturar as redes de interações, utilizamos uma estratégia similar àquelas utilizadas nos estudos de *ID*, ou seja, em lugar de cruzar as diretorias das instituições por meio de sua trajetória profissional, utilizamos os Economistas-Chefes de todas as instituições credenciadas na análise. O EC é o porta-voz da instituição em relação às análises sobre o futuro. É ele quem concentra o conhecimento contextual para apostar, sempre representando a instituição, no futuro. É

ele, em nome da instituição, que se relaciona com os consumidores (investidores) e com as demais instituições, se valendo de sua trajetória profissional.¹⁴

Os motivos para essa escolha, para além do fato desses atores terem interação com os dirigentes das instituições, foram dois: a) são os Economistas-Chefes que canalizarão as análises e as opiniões das instituições sobre os indicadores (futuros) macroeconômicos;

b) esses profissionais, em alguma medida, constituem interação/vínculo com as instituições nas quais trabalharam no passado.

Além disso, outras três variáveis, que também servem para explicar os acertos das instituições, foram utilizadas como fontes de conhecimento: a) tempo de mercado da instituição – aquelas com maior tempo de mercado acumulariam maior conhecimento por

¹³ Dados coletados através da consulta de CNPJ na Receita Federal. Recuperado em 2 de agosto de 2024, de <https://www.gov.br/pt-br/servicos/consultar-cadastro-nacional-de-pessoas-juridicas>

¹⁴ A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) 2512-05 informa que, dentre tantas atividades, o economista é aquele que analisa o ambiente econômico, sua conjuntura. Além disso, avaliam políticas de impacto coletivo (Ministério do Trabalho e emprego [TEM], 2024). Ainda, é exigido do Economista-Chefe, para além dos saberes tradicionais da profissão, um amplo conhecimento em outras áreas: “Tem muita matemática envolvida, mas é fundamental conhecer história, política, ciências sociais e, na pandemia, até epidemiologia”. <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2024/04/nao-tinha-certeza-de-que-estava-preparada-mas-fui-mesmo-assim-diz-economista-chefe-do-jp-morgan/> (Acessado em 2 de agosto de 2024).

meio de suas interações no tempo; b) escolaridade dos Economistas-Chefes; c) instituição educacional na qual se formaram os economistas.

Com isso, seguimos os seguintes passos: a) identificamos os Economistas-Chefes das 152 instituições¹⁵ e b) verificamos a sua trajetória profissional – nesse caso, foram identificadas as últimas três experiências profissionais de cada Economista-Chefe –, além de também checarmos suas c) escolaridades e d) as instituições de formação acadêmica– essa última motivada pelo do número expressivo de pós graduados entre os profissionais. Por conta dessa alta concentração entre os economistas, testamos o efeito “instituição”, partido da hipótese que essas instituições poderiam transmitir saberes específicos indiretos (por meio dos profissionais) às instituições¹⁶.

Tabella 1 Resumo das variáveis utilizadas na análise

Variáveis utilizadas	Operacionalização
Ranking TopFive	Número de vezes em que as instituições financeira apareceu entre os 5 colocados na pesquisa de longo prazo (de 2012 a 2022).
Instituições de pós-graduação	Instituição que estudou o economista na sua especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado.
Anos de mercado da instituição	Tempo de funcionamento da instituição
Centralidade das instituições (degree)	Quantidade de laços das instituições medidas pelas interações entre os Economistas Chefes.

Fonte: elaborado pelos autores.

Em média, os economistas pesquisados possuem 24 anos de mercado, e 89 deles possui mestrado. Além disso, apenas duas instituições educacionais formaram a maioria dos pós graduados em questão. Todos os dados foram coletados a partir das informações dos currículos de cada profissional presentes na plataforma LinkedIn.¹⁷

Com as informações das instituições e os seus respectivos EC, realizamos um primeiro exercício, criando a rede de interação entre eles. Isso se deu por meio do Ucinet 6.0, através de uma matriz (retangular), informando a interação entre economistas e bancos pelos quais passaram. Os economistas aparecem nas linhas horizontais, e as instituições aparecem nas colunas, em sentido horizontal. Os economistas possuem interação com as instituições em que trabalharam ao longo de sua trajetória profissional. Essa interação é

¹⁵ Pesquisa realizada entre os meses de fevereiro e março de 2024.

¹⁶ Os testes consistiram em verificar a associação entre as variáveis por meio do teste de correlação de Sperman. O teste de Sperman é utilizado para analisar a direção e a força entre duas variáveis.

¹⁷ Ver: <https://www.linkedin.com/> (Acessado em 2 de agosto de 2024).

apresentada na Figura 2, na qual as instituições são representadas pelos quadrados azuis e os economistas pelos círculos vermelhos.

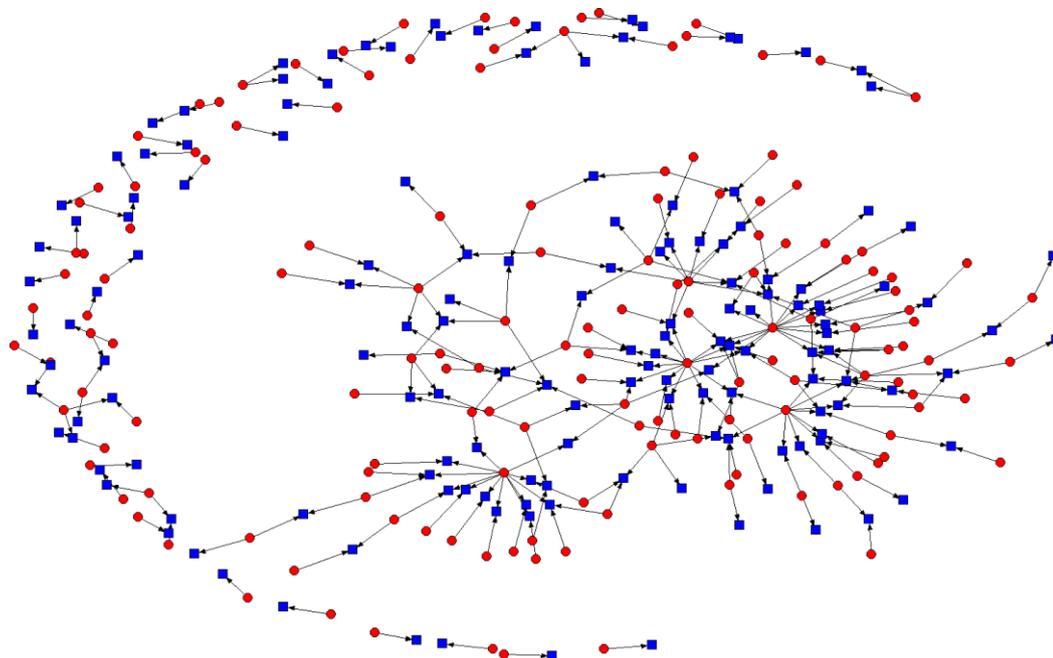


Figura 2 :Interação entre instituições credenciadas pelo BC e Economista-Chefes

Fonte: Banco Central do Brasil. Elaborada pelos autores.

Com base em todos esses dados, o passo seguinte foi construir a centralidade das interações das instituições, o que se deu da seguinte forma: a) elaboração de uma matriz (retangular) com a interação entre economistas e bancos, organizados em matrizes de incidência de tipo binário – os economistas aparecem nas linhas horizontais, e as instituições (afiliações) aparecem nas colunas, em sentido horizontal; b) análise da *afiliação* dos bancos por meio das interações dos economistas, conforme Figura 3.

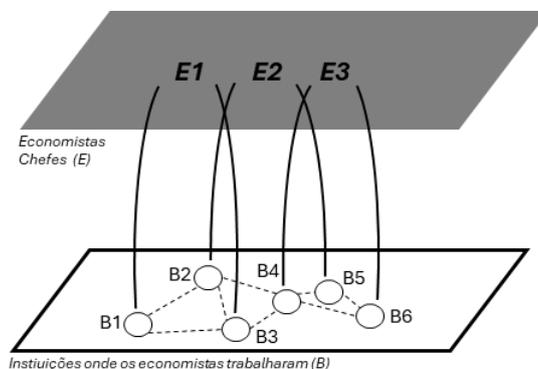


Figura 3: Análise das interações institucionais por projeção

Fonte: elaborada pelos autores.

Com isso, por meio da análise de afiliação (*2 mode to 1 mode*), passamos ao cálculo da centralidade das instituições. A análise da afiliação consiste na conversão de uma matriz “m’n” em “m’m por meio de projeção (conforme Figura 1), servindo como técnica para formar uma segunda matriz simétrica, representando o laço entre as instituições (Figura 3). Essa foi a matriz analisada para fins de pesquisa.

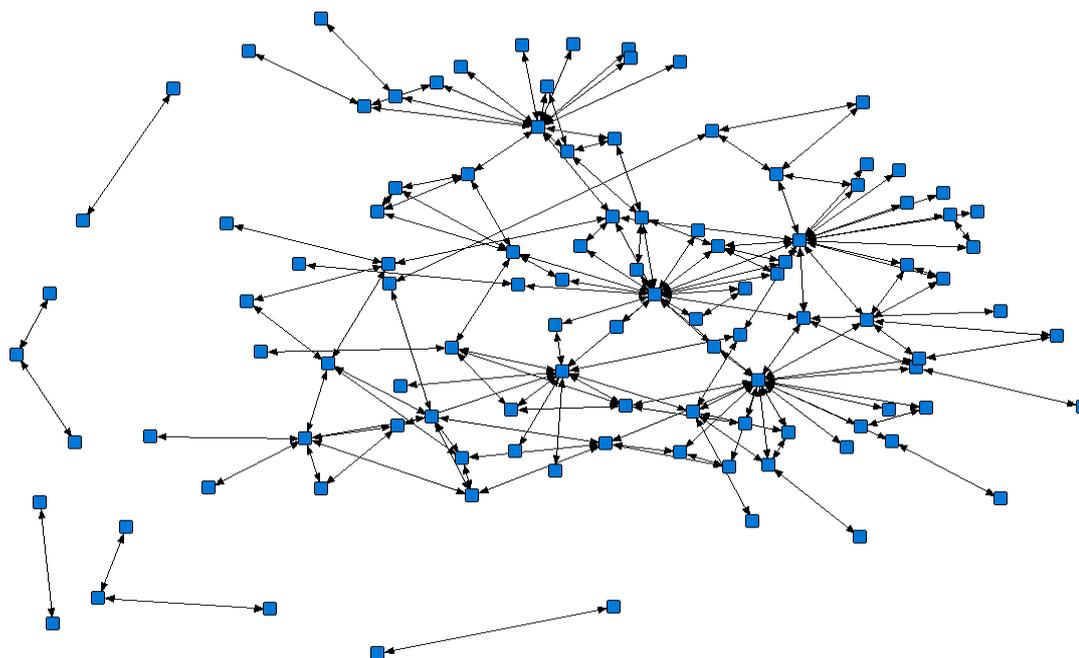


Figura 4: Interação das instituições credenciadas pelo BC

Fonte: elaborada pelos autores.

Desse modo, foi possível o cálculo de centralidade dos atores, por meio do indicador *Degree* (numero de laços que um ator recebe de um outro ator), no UCINET 6.0.

Em posse desses dois indicadores, do índice de assertividade e da centralidade das instituições, foi possível verificar a relação entre as demais variáveis.

3.1 Análises e Resultados

A primeira constatação é que a maioria das instituições (89) não aparece entre as 5 com maior acerto (nos indicadores de longo prazo) entre 2012 e 2022. Pelo fato de o BC considerar somente as 5 primeiras colocadas, assumimos que a maioria das instituições não possui capacidade preditiva relevante – ao menos de acordo com a estratégia do BC.

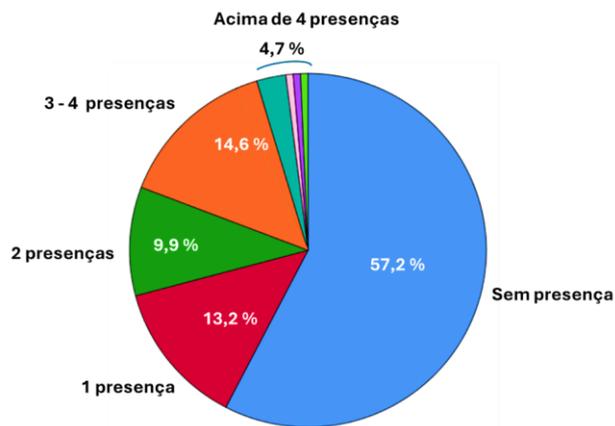


Figura 5: Quantidade de presenças das instituições no Ranking Top Five (entre 2012 e 2022)

Fonte: elaborada pelos autores.

Apenas três instituições, ao longo desse período, conseguiram estar presente mais de 5 vezes no *ranking* – considerando-se pelo menos um dos indicadores de longo prazo instituídos pela pesquisa do BC. Os dados revelam a dificuldade em conseguir alguma regularidade preditiva, e, ao mesmo tempo, apontam certa concentração por parte de determinadas instituições.

Com isso, a partir das variáveis que constituímos, realizamos uma correlação (binária) entre elas. A Tabela 1 mostra os resultados da análise.

Correlações

			Ranking 2012-2022 Top Five (longo prazo)	Centralidade da rede das instituições	Anos de mercado	Instituições de pós-graduação
Spearman	Ranking 2012-2022 Top Five (longo prazo)	Coefficiente de Correlação	1,000	,333**	0,143	0,121
		Sig. (2 extremidades)		0,000	0,100	0,154
		N	140	140	134	140
	Centralidade da rede das instituições	Coefficiente de Correlação	,333**	1,000	,207*	0,073
		Sig. (2 extremidades)	0,000		0,016	0,392
		N	140	140	134	140
	Anos de mercado	Coefficiente de Correlação	0,143	,207*	1,000	0,096
		Sig. (2 extremidades)	0,100	0,016		0,270
		N	134	134	134	134
	Instituições de pós-graduação	Coefficiente de Correlação	0,121	0,073	0,096	1,000
		Sig. (2 extremidades)	0,154	0,392	0,270	
		N	140	140	134	140

** A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

* A correlação é significativa no nível 0,05 (2 extremidades).

Tabela 1 Correlação não paramétrica entre indicadores de presença no Top Five e as demais variáveis

Fonte: elaborada pelos autores.

A tabela acima é resultado da análise de correlação (não paramétrica). Nesse caso, o indicador de presença – variável número de participações Top Five (longo prazo – 2012-2022) não apresentou representação significativa ($P \geq 0,00$) em relação ao tempo de mercado das instituições, à escolaridade dos Economistas-Chefes nem, tão pouco, à escola de formação de mestrado desses. No entanto, a variável número de participações no Top Five se mostrou significativa ($P \geq 0,00$), em correlação positiva (333) com a centralidade das redes das instituições.

Com isso, podemos sustentar a hipótese de que a estrutura das redes pode ajudar a explicar a capacidade preditiva dos atores em questão. Não seriam, portanto, os conhecimentos formais (escolaridade), tácitos (tempo de mercado) ou formais específicos (instituição de formação) que explicam a capacidade preditiva das instituições, mas sim a centralidade das redes de interações entre as elas.

Dito isso, qual seria a conclusão dessa afirmativa? Por se tratar de uma análise ainda exploratória, carecendo de estudos mais específicos, nos cabe somente levantar algumas hipóteses a respeito: a) a interposição de economistas entre as instituições pode contribuir para a troca de informações (recursos); b) a trajetória profissional dos economistas pode, em alguma medida, aumentar a capacidade interpretativa das instituições – conforme nos lembra Stark (2019); c) conforme analisado por Pool e Kochen (1978), a estrutura da rede pode concentrar certos conhecimentos – embora não saibamos precisar quais, podendo se considerar, como vimos, algo próximo ao que Aspers (2009) chamou de “conhecimento geral”; d) certas instituições, por meio da estrutura da rede (formalizada em *Hubs*), podem concentrar informações específicas, o que colabora para a capacidade ficcional; d) o movimento de convenção realizado pelo BC através da apresentação dos relatórios opera, em certa medida, pela existência do contexto competitivo entre as instituições, no qual as ações sociais (valorativas) acerca do futuro tendem a ser distintas e, ao mesmo tempo, condicionadas. Esse movimento estaria tensionando permanentemente o quadro convencional, gerando uma “disputa” entre a ação social valorativa por parte das instituições e o desejo do BC em convencionar as expectativas.

É importante resaltar que por conta de uma limitação metodológica, não foi possível

contemplar variáveis externas (ex. mudanças nas regulações de mercado, ou externalidades como choques econômicos). No entanto, val ressaltar que por se tratar de um *ranking* das expectativas, em alguma medida essas mudanças podem ter sido captadas no período estudado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É correto pensar na existência de inúmeras variáveis relevantes para compreender o que explica a capacidade ficcional dos atores econômicos. Entretanto, nesse trabalho, do ponto de vista sociológico, foi possível estabelecer uma primeira relação, ainda que muito específica e exploratória: a interação entre atores (seus laços) e sua capacidade preditiva. Conforme mostramos, nossa análise abrangeu apenas alguns dos tantos elementos, a saber, as redes de interações, que podem vir a explicar a capacidade preditiva dos atores. Verificamos a existência da correlação positiva entre as redes e a capacidade de predição, o que nos levou à hipótese central desse trabalho: em alguma medida, a estrutura das interações e (ou) certos tipos de conhecimento podem contribuir para a presença das instituições no *ranking* de assertividade do BC. Tal hipótese se mostrou compatível com os dados, pois é possível afirmar que da análise das interações pode surgir a explicação da capacidade preditiva. Por outro lado, ainda não conhecemos a fundo o conteúdo desses recursos oriundos das interações. Resaltamos também as limitações metodológicas do estudo, especialmente pelo período analisado limitado (2012-2022), e, muito embora tenhamos tido o cuidado de cruzar as informações deixadas pelos profissionais na plataforma LinkedIn e as instituições financeiras, é importante pensar que são informações escritas informadas pelos próprios profissionais.

Nesse sentido, os estudos sociológicos sobre a capacidade ficcional dos atores, no contexto específico que apresentamos, deverão incorporar em suas análises os conteúdos dessas interações. Que saberes, por exemplo, os atores centrais utilizam para compor sua ficção a respeito do futuro da economia? Quais informações e conhecimentos são importantes para a criação do imaginário futuro? A maioria das instituições, mesmo não possuindo capacidade ficcional alinhada com a média das expectativas do mercado, continua captando investidores. Afinal, que predição de futuro é apresentada aos seus clientes?

Esses são apenas alguns entre outros questionamentos inerentes e pertinentes ao contexto. Pesquisas futuras, por exemplo, poderiam explorar essas questões (mais qualitativas) por meio de entrevista com os economistas-chefes.

De todo o modo, até o momento, todas essas questões permanecem sem respostas definitivas. Do ponto de vista das implicações práticas, as instituições financeiras em geral deverão pensar em arranjos de interações que contribuam ainda mais para a capacidade interpretativa e ficcional.

REFERÊNCIAS

Andrade, R. P. de. (2011). A construção do conceito de incerteza: uma comparação das contribuições de Knight, Keynes, Shackle e Davidson. *Nova Economia*, 21(2), pp. 171-195. <https://doi.org/10.1590/S0103-63512011000200001>

Aspers, Patrik. Contextual Knowledge. *Current Sociology*, [s. l.], v. 54, n. 5, p. 745–763, 2006. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0011392106066814>

Aspers, Patrik. Knowledge and valuation in markets. *Theory and Society*, [s. l.], v. 38, n. 2, p. 111–131, 2009.

Banco Central do Brasil. (s.d.-a). *Focus – Relatório de Mercado*. Recuperado em 2 de agosto de 2024, de <https://www.bcb.gov.br/publicacoes/focus>

Banco Central do Brasil. (s.d.-b). *Ranking Focus – Top 5*. Recuperado em 2 de agosto de 2024, de <https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/focustop5ranking>

Banco Central do Brasil. (2024). *Top 5 – Classificação anual para as categorias curto e médio prazo e consolidação da metodologia* [PDF]. Recuperado de https://www.bcb.gov.br/content/controleinflacao/Documents/Expectativas_mercado/Focus/E20080211-Top5-Classificacao-Anual-para-as-Categorias-Curto-e-Medio-Prazo-e-Consolidacao-da-Metodologia.pdf

BARABÁSI A. L. Link. *La nuova scienza delle reti*. [S. l.: s. n.], 2004.

Bargigli, L., & Vasta, M. (2003). Proprietà e controllo nel capitalismo italiano (1911–1972). In R. Giannetti & M. Vasta (Eds.), *L'impresa italiana nel Novecento* (pp. 187–248). Il Mulino. <https://usiena-air.unisi.it/handle/11365/14860>

Bateman, B. W. (1999). An Encyclopedia of Keynesian Economics. *History of Political Economy*, 31(3), pp. 601-601. <https://doi.org/10.1215/00182702-31-3-601>

Beckert, J., & Bronk, R. (2018). *Uncertain Futures: Imaginaries, Narratives, and Calculation in the Economy*. Oxford University Press.

Beckert, J. (2016). *Imagined Futures*. Harvard University Press. <https://doi.org/10.4159/9780674545878>

Beckert, J. (2017). Reimaginando a dinâmica capitalista: expectativas ficcionais e o caráter aberto dos futuros econômicos. *Tempo Social*, 29(1), pp. 165-189. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts2017.119003>

Beckert, J., & Ergen, T. (2020). Transcending History's Heavy Hand: The Future in Economic Action. *MPIfG Discussion Paper* (No. 20).

Callon, M., & Muniesa, F. (2005). Economic markets as calculative collective devices. *Organization Studies*, 26(8), pp. 1229-1250. <https://doi.org/10.1177/0170840605056393>

Carbonai, D. (2017). Os interlocking no mercado brasileiro de capitais: uma hipótese sobre as relações entre setores econômicos. In *Anais do IX Congresso Latinoamericano de Ciência Política* (Vol. 9), Montevideu.

Dubar, C. (2012). A construção de si pela atividade de trabalho: a socialização profissional. *Cadernos de Pesquisa*, 42(146), pp. 351-367. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742012000200003>

Esposito, E. (2011). *Il futuro dei futures: Il tempo del denaro nella finanza e nella società*. Edward Elgar Publishing Limited I. <https://www.otovo.it/blog/pannelli-fotovoltaici-futuro/>

Flin, D. (2005). Analysis: uncertain futures. *Power Engineer*, 19(6), p. 10. <https://doi.org/10.1049/pe:20050612>

Forbes. (2024, abril). “Não tinha certeza de que estava preparada, mas fui mesmo assim”, diz economista-chefe do JP Morgan. *Forbes Brasil*. Recuperado em 2 de agosto de 2024, de <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2024/04/nao-tinha-certeza-de-que-estava-preparada-mas-fui-mesmo-assim-diz-economista-chefe-do-jp-morgan/>

Garcia, S. R. (2021). Ação Social e Instituições Econômicas: conquistas para a pesquisa sociológica. *Revista Brasileira de Sociologia*, 9, pp. 145-167. <https://doi.org/https://doi.org/10.20336/rbs.799>

Giddens, A. (2003). *A Constituição da Sociedade*. Martins Fontes.

Julien, P. A. As redes: Uma condição necessária: o compartilhamento de informações que conduz à inovação. In: *Empreendedorismo Regional E Economia Do Conhecimento*. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 215–238.

LinkedIn. (s.d.). *LinkedIn*. Recuperado em 2 de agosto de 2024, de <https://www.linkedin.com/>

Luhmann, N. (2012). Il futuro non può cominciare: le strutture temporali nel moderno Societ à. *Social Research*, 43(1), pp. 130-152.

Neves, A. L., & Oreiro, J. L. (2008). O regime de metas de inflação: uma abordagem teórica. *Ensaio FEE*, 29(1), pp. 101-132.

NIEDERLE, P. Economia das Convenções: subsídios para uma sociologia das instituições econômicas. *Ensaio FEE*, [s. l.], v. 34, n. 2, 2013.

Sayad, J. (2015). *Dinheiro, dinheiro: inflação, desemprego, crises financeiras e bancos*. Portfolio-Penguin.

Schütz, Alfred. Fenomenologia e relações sociais. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

Stark, David. Il senso della dissonancia. Racconti di quel che conta nella vita economica. Sesto San Giovanni: Mimesi Edizioni, 2019.

Svetlova, E. (2021). *Sulla rilevanza di Knight, Keynes e Shackle per la ricerca sull'inconsapevolezza*. pp. 1-17.

Svetlova, E. (2022). AI meets narratives: the state and future of research on expectation formation in economics and sociology. *Socio-Economic Review*, 20(2), pp. 841-861. <https://doi.org/10.1093/ser/mwab033>

Vedres, B., & Stark, D. (2010). Dobras estruturais: ruptura generativa em grupos sobrepostos. *Revista de Administração de Empresas*. <https://doi.org/10.1590/s0034-75902010000200007>